

Classe média acentua troca de empregadas por diaristas em casa



Novorelação. Insatisfeita com salário baixo, Lena Moraes trocou direitos da carteira assinada pelo trabalho autônomo para ganhar mais. O engenheiro Eduardo Caetano investiu em eletrodomésticos e substituiu funcionária fixa por diarista

MUDANÇA NOS LARES

DIREITOS NO PAPEL, CARTEIRA EM BRANCO

Dez anos após PEC das Domésticas, registradas dão lugar a diaristas

GERALDA DOCA E ANA FLÁVIA PILAR

Famílias que contam com empregadas domésticas todos os dias e profissionais dessa área com carteira assinada para se dedicar a uma única residência estão se tornando menos comuns. Com a perda de poder aquisitivo da classe média, que se viu mais em casa desde a pandemia e teve de assumir tarefas cotidianas, há menos vagas para trabalhadores domésticos em tempo integral. Muitos pais preferem diaristas.

A mudança transforma essas profissionais em autônomas, que podem muitas vezes ganhar mais trabalhando a cada dia numa casa diferente, mas ficam sem garantias sociais como previdência, auxílio-doença, licença-maternidade, férias, décimo terceiro, jornada diária de oito horas, seguro-desemprego, acesso ao FGTS e indenização em caso de demissão sem justa causa. Esses direitos trabalhistas foram estendidos à categoria na emenda constitucional que ficou conhecida como PEC das Domésticas e completa dez anos no próximo mês. Uma década depois, há menos trabalhadoras registradas, e protegidas da informalidade segue um desafio. Só em cada quatro trabalhadores domésticos — a grande maioria é de mulheres — tem carteira assinada.

O engenheiro aposentado Eduardo Caetano, de 73 anos, nunca teve que se preocupar com afazeres domésticos. Até o início da pandemia, a família

dele, de quatro pessoas, contava com uma empregada diarista para manter a casa de dois andares em que viviam, no Rio, mas ele teve que dispensá-la em meio às restrições sanitárias. Em seguida, Caetano se separou e as filhas já adultas saíram de casa. Vivendo sozinha, descobriu que não precisava de auxiliar todos os dias. Investiu em eletrodomésticos e passou a ter uma diarista duas ou três vezes por semana. De vez em quando, também contrata uma cozinheira para abastecer a geladeira.

— Tenho máquina de lavar roupa, interruptores digitais e aquele robô aspirador, que anda sozinho. Quando passei a morar sozinho, percebi o valor do trabalho invisível que essas pessoas desempenham em casa — diz o engenheiro, que vê uma relação mais funcional com as profissionais agora. — Faço transferências para elas por meio do banco, por segurança. É uma facilidade.

OPÇÃO PARA GANHAR MAIS

Lena Moraes, de 41 anos, trabalha como doméstica desde a adolescência. Chegou ao que uma minoria no ramo alcança: carteira assinada. Mas, há três anos, resolveu abrir mão dos direitos trabalhistas para aumentar a renda. Pediu demissão da residência onde ganhava R\$ 1.400 para trabalhar oito horas por dia, de segunda a sexta, e virou diarista. Cobra diárias de R\$ 200, acrescidas do gasto com transporte. — Já recebi propostas de trabalho com carteira, mas escolhi ser autônoma para ganhar mais. Imagina ganhar um salá-

rio mínimo por mês, sendo que tiro quase esse valor por semana? Tem bastante gente buscando ser diarista — conta a moradora da Muzema, na Zona Oeste do Rio.

Segundo dados da Pnad Contínua, do IBGE, o número de formalizados no serviço doméstico ficou em 1,46 milhão em 2022, acima apenas dos dois anos anteriores, quando houve maior impacto da pandemia. Em 2012, pouco antes de a PEC ser promulgada, eram 1,87 milhão de trabalhadores domésticos com carteira assinada, 28% mais que hoje. O melhor momento foi em 2016, com 1,99 milhão com carteira assinada.

Entre todos os empregados domésticos, aqueles com carteira eram 31,4% em 2012. No ano passado, eram 25,2%. A informalidade, que havia caído para 66,8% em 2016, ficou em 74,8% em 2022.

— A informalidade, que já dava sinais de aumento a partir de 2017, acabou se agravando com os efeitos da pandemia e está no patamar mais

baixo — diz o economista Rogério Nagamine, especialista em Previdência, que também aponta queda na renda média do serviço doméstico. — Saiu de R\$ 1.117 em 2018 para R\$ 1.052 em 2022. Esse resultado é muito ruim.

'CHOQUE' NA PANDEMIA

Marcelo Neri, pesquisador da FGV, também vê a pandemia como o principal "choque" para o aumento da informalidade no serviço doméstico, principalmente por causa das consequências econômicas: — Com a queda na renda, as famílias foram obrigadas a cortar custos e passaram a substituir a empregada por diarista de até dois dias na semana.

A informalidade no trabalho doméstico cresceu nas regiões mais ricas do país. No Sudeste subiu de 61,3% para 70% entre 2012 e 2022. No Sul, de 63,6% para 73,1% no período. Contudo, Norte e Nordeste ainda concentram as maiores taxas, acima de 80%.

Os dados do IBGE mostram ainda que o número de

vagas domésticas como um todo, incluindo registrados e informais, caiu de seis milhões em 2019 para 4,85 milhões em 2020. No ano passado, subiu para 5,8 milhões, mas ainda abaixo dos números anteriores a 2019.

Neri ressalta que, para quem conseguiu se manter registrado, a PEC foi positiva, garantindo benefícios como o da aposentadoria. Não foi o caso de Elizabeth Pereira, de 50 anos, que já teve carteira assinada em casa de família com salário de R\$ 1.600. Hoje, ela é diarista, mas, diferentemente de Lena, não por opção. Não consegue encontrar outra vaga formal e tem dificuldades com a instabilidade de renda como autônoma.

— Cobro R\$ 200 por diária, mas só tenho um cliente. No ano passado, cheguei até a fazer bico como cuidadora de idoso — conta Elizabeth, que vive em Queimados, na Baixada Fluminense, com o filho de 8 anos e paga as contas com uma pensão que passa a receber depois da mor-

te do companheiro.

Com renda instável, ela tem dificuldades de pagar o INSS como autônoma e gostaria de voltar a ter direitos trabalhistas como FGTS por medo do futuro, com a "idade chegando".

— Muitas preferem trabalhar de forma autônoma porque a diária é alta, mas acho que não pensam no amanhã. Se eu tiver carteira e for mandada embora, recebo.

Lena diz se preparar para a aposentadoria pagando o INSS como autônoma, mas admite que já teve mês em que não sobrou dinheiro para contribuir para a Previdência.

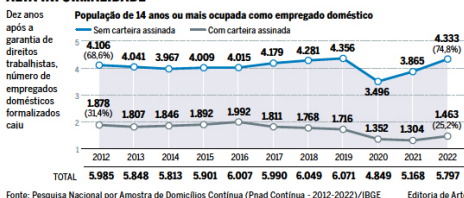
Presidente do Instituto Doméstica Legal, Mário Avelino avalia que é preciso prover educação financeira às diaristas para que elas possam se planejar financeiramente para a renda instável e não detem de contribuir para o INSS: — As diaristas podem se cadastrar como MEI (microempreendedor individual) para contribuir com 5% do salário mínimo, o que dá pouco mais do que R\$ 60. Assim, elas têm todos os direitos previdenciários de uma contribuinte individual, que paga 11%.

FALTA FISCALIZAÇÃO

Para Avelino, uma década após a PEC das Domésticas, ainda é preciso aprimorar a legislação para incentivar a formalização da categoria. Hildebrando Pereira de Melo, economista e professora da UFF, acrescenta que a categoria de trabalhadores domésticos vai além das faxineiras e cozinheiras. Atualmente engloba, por exemplo, cuidadores de idosos, ocupação que deve ser mais demandada com o envelhecimento da população.

Ana Diniz, coordenadora do Núcleo de Diversidade e Inclusão no Trabalho do Insper, avalia que, com a retomada de velhos hábitos no pós-pandemia, é possível que famílias voltem a contratar domésticas. Ela frisa que é preciso valorizar os avanços da PEC das Domésticas na garantia de direitos de mulheres que atuavam em condições mais precárias, a maioria delas negra: — A existência de uma lei que exige regularização precisa de mecanismos de fiscalização — adverte.

ALTA INFORMALIDADE



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 15